Apoio:

Patrocínio:

Realização:

COMO O AÇUCAR VEIO AO MUNDO

COMO O AÇUCAR VEIO AO MUNDO

Há muito, muito tempo, não existia o açúcar no mundo; por isso os manjares não eram tão saborosos como atualmente; as frutas não eram doces, eram insípidas e sem graça; os bolos e as tortas se faziam com sal e vinagre, e os crianças não gostavam de comê-los; em caramelos e chocolate, nem se pensava, pois sem açúcar não era possível confeccioná-los.
Até que apareceu o açúcar, e então toda a situação mudou.
Sendo assim, naqueles tempos não havia nada de agradável no mundo, e grandes e pequenos andavam de cá para lá com cara de sexta-feira, carrancudos, e não se mostravam contentes e alegres como hoje em dia.
Como foi que aconteceu isto, é o que eu quero contar a vocês.
Muito bem! O açúcar veio do Céu, que é de onde vem tudo o que é agradável e dá prazer. Na terra

nunca se poderia encontrar uma coisa tão gostosa, nem tão fina.
Foi assim: no Céu existe, como todos nós sabemos, uma grande multidão de anjos com asas de ouro e túnicas brancas enfeitadas com tiras de prata; mas esses anjos lá de cima não vivem na ociosidade o dia inteiro, como alguns aqui de baixo pensam, ou imaginam; eles cantam, sim, e dançam muito, e tocam música com excelentes flautas e preciosos violinos; mas no Céu também há horas de trabalho! Do contrário, quem lustraria durante o dia as infinitas estrelas que à noite reluzem com tanta majestade e que com o tempo se mofariam e empalideceriam? Quem poliria a Lua e daria brilho à cara do Sol, para que ele produza essa claridade fulgurante que espalha pelo mundo, se não fossem os anjos que se ocupam disso?
Lá cada um tem sua missão, e a direção suprema de tudo cabe ao arcanjo Miguel, que procura fazer, com grande severidade, com que tudo seja executado em perfeita ordem.
Houve, sem dúvida, no Céu, um anjinho (chamado Cendalim, por causa da sua franzina figura) que nunca fazia bem seu trabalho, e sempre que podia o deixava por fazer.
Todos os dias Miguel o repreendia, porque a sua estrela não brilhava com a mesma claridade das outras, e porque ele não era encontrado quando dele precisavam.
Cendalim andava vagueando pelas espaçosas salas de refeições do Céu, e matava sua gulodice beliscando aqui e ali pelos pratos e bandejas que estavam preparados; outras vezes ele se deitava

nos prados azuis da abóbada celeste, ou então passeava pelos jardins de recreio, e gastava ali o melhor do seu tempo.
Freqüentes vezes também espiava por uma ponta da cortina celeste que ali está estendida, olhando para a Terra e observando o que faziam os homens e os animais; quando via alguma coisa engraçada, ria às gargalhadas, e todos os ouviam, de muito longe. Deste modo sempre se sabia onde ele estava, e os outros anjos condenavam a sua curiosidade, pelo que espalhavam uma nuvem na frente do seu esconderijo, para que ele não pudesse mais olhar a Terra.
Não resta dúvida de que o anjinho Cendalim não era de todo mau, e sim, como já dissemos, um pouco brincalhão e guloso, e também curioso, muito, muito curioso.
Um dia (um dos muitos dos que também correm no Céu), o arcanjo Miguel o mandou regar os jardins do Céu, porque as flores já torciam o talo, e além disto os homens na terra suspiravam por água de chuva; mas o anjinho não obedeceu e continuou a espiar o que acontecia na Terra.
Achava graça - e ria disto com gosto - de ver o horroroso calor que fazia lá embaixo e os cômicos semblantes dos homens, que só faziam olhar para cima, para verem se caía dali um pouquinho de chuva.
No entanto, Cendalim disse ao arcanjo que tinha cumprido a sua ordem e que os homens estavam muito satisfeitos com a água que havia caído do Céu.
Mas o arcanjo verificou que ele mentia, e passou

em Cendalim uma severa reprimenda, dando-lhe como castigo da sua desobediência remendar o grande lençol que cobria o Céu, e que uns dias antes um raio havia rasgado um pouco.
Do contrário (dizia o arcanjo) por aquele buraco poderiam cair dos depósitos de gelo do Céu grande número de pedras e calhaus, que destruiriam as colheitas que tantos trabalhos e suores haviam custado aos homens.
"Vou fazer isto agora mesmo", disse o anjo, mas não o fez; em vez disto continuava a espiar a Terra, alegrando-se ao ver que caía o granizo e as pedras saltavam de cá para lá, fazendo enormes estragos em todos os cantos. Com os lamentos dos homens ele não se preocupava nem um pouco, mostrando com isto a sua falta de consideração e a sua inconsciência.
A tarde o arcanjo verificou o que o tratante do anjinho havia feito, e, raivoso, o denunciou ao amável Deus. Este mandou chamá-lo, e ele, tremendo como se tivesse dança de S. Guido, se apresentou diante do trono divino.
Deus olhou para todos as lados, porque Cendalim tinha o costume de esconder-se metendo-se até dentro de uma ratoeira, e disse, soltando uma complacente gargalhada:
- Meu anjo, já que com tão boa vontade metes o nariz no que se passa pelo mundo, resolvi mandar-te lá, por uma temporada, durante a qual viverás entre os homens. Assim adquirirás hábito do trabalho, pois no mundo há muito que fazer! Na primavera, pintar de verde os campos; no verão, dar brilho, esfregando-os, aos lagos e aos rios; no

outono pintar com arte as frutas. No inverno - que lá é terrivelmente frio - se tiveres terminado o teu trabalho, poderás voltar ao Céu; do contrário, terás de ficar por lá mais outro ano. Vai, então, querido anjo, e dá aos homens prosperidade e bem-estar.
O anjo fez uma profundo reverência ao soberano Deus e desceu a comprida escada do Céu, chegou à Terra, e logo pôs mãos à obra.
Como era primavera, ele enfiou o pincel na vasilha de tinta verde e pintou com grande eficiência e rapidez os prados; mas, dali a pouco achou que já havia trabalhado o suficiente, e então se deitou na relva e começou a sonhar com as belos solos do Céu, com os maravilhosos banquetes que lá se realizavam, e outras coisas não menos agradáveis.
Quando despertou de seu dourado sonho, já havia passado a primavera, e ainda faltavam muitos prados para pintar, aparecendo com aquela cor cinza enegrecida e pardo-suja deixada pelo inverno; e disso tinha a culpa o anjinho, por sua indolência e preguiça. Dando-se conta disto, ele quis recobrar o tempo perdido, trabalhando com afinco.
Foi até os riachos, que já estavam todos embaciados, e começou a esfregá-los com um grande pano de seda; eles logo ficaram límpidos e transparentes e saltavam de prazer, vendo-se naquele estado.
Fez o mesmo com os rios; mas, quando estava no melhor da festa, olhou para o fundo, e lá, bem embaixo, viu uma porção de ondinhas e sereias, que saltavam e corriam umas atrás das outras.
Num canto se achava o Gênio da Água, contando a uma ondinha as divertidas visitas que havia feito à

sua prima, a Medusa, e ao seu parente Coral, que viviam no fundo do mar.
Levado pela sua habitual curiosidade, o anjo escutava a história, e abandonou sua tarefa.
Quando o Gênio acabou de contar, o verão também havia chegado ao fim, e vários rios tinham continuado embaciados, e os lagos se envergonhavam da sua sujeira: as águas não se moviam, estavam estagnadas como charcos, e em alguns até cresciam ervas daninhas, na superfície. A culpa de tudo isso era do anjo, por ter sido tão curioso!
Ele refletiu, então, que naquele outono se comportaria de modo bem diferente.
Começou a pintar as maçãs e as pêras, e depois as uvas e as laranjas. Nas primeiras ele pôs umas bochechas encarnados, de modo que elas pareciam pequenas cabeças humanas. Nas uvas, pôs uma cor verde-clara e azul-escura, e nas laranjas um amarelo-marmelo; mas não estava ainda na metade do trabalho, quando foi tentado pela gula e se deixou seduzir pelo aroma daquelas frutas; então o guloso meteu uma maçã bem pequena na boca e a achou tão gostosa, que comeu outra, mais outra, e assim o nosso anjo foi comendo discretamente as maçãs, as pêras, as uvas, e toda espécie de fruta que lhe chegou ao alcance da mão.
Quando se sentiu farto, já havia passado o outono.
Muitas frutas ficaram por amadurecer, e com aquela cor esverdeada, tão desagradável à vista.
Então o anjo começou a chorar, lembrando-se do que lhe havia dito o bom Deus, e de que no inverno - que já estava chegando - não poderia voltar ao

Céu, sendo obrigado a passar mais outro ano na Terra.
E como já começava a fazer muito frio, ele procurou abrigo no meio dos homens. Foi a uma fazenda: o fazendeiro andava de cá para lá, verificando se estava tudo preparado para o rigoroso inverno, se o gado se achava bem guardado no estábulo, se a farinha estava bem armazenada e as frutas nos celeiros, para secar.
Nisto, aproximou-se dele, muito tímido, o anjinho:
- Bom homem, - disse ele, com voz um pouco apagada, de tanto tremer - deixaria que eu passasse aqui o inverno?
- Aqui, não - respondeu-lhe bruscamente o fazendeiro -; e ordeno que te afastes daqui, seu vagabundo, se não queres que eu te solte em cima o cachorro grande que tenho!
- Não pense o senhor que vim aqui para comer sem fazer nada!
Ouvindo isto, o fazendeiro aguçou o ouvido e disse, em tom já mais amigo:
- Por acaso trazes algum dinheiro?
- Dinheiro, não - respondeu o anjo, tremendo mais ainda ; mas posso ganhá-lo; farei tudo o que o senhor mandar!
- Trabalhar, tu, boneco? Com essas mãozinhas, esses pèzinhos e essa carinha acetinada que Deus te deu? Não nasceste para trabalhar! Anda! Sai logo daqui.
Já assobiava, chamando o cachorro, e o anjo se dispunha a sair correndo, quando a compassiva mulher do fazendeiro (que tinha ouvido todo o diálogo, de uma janela), gritou:

- Vem cá, meu filho; não faças caso desse grosseirão. Aí fora está fazendo frio e tu deves senti-lo, vestindo somente essa camisa! Se queres trabalhar, há bastante o que fazer nesta fazenda, e um jovem tão bonito como tu só pode trazer-nos a prosperidade e a graça de Deus.
O homem resmungou, ao ouvir aquelas palavras, mas não se atreveu a discutir, porque a mulher estava de vassoura numa das mãos, e na outra segurava a concha da cozinha.
Ali o anjo ficou sabendo o que era trabalhar. Até então ele só havia tratado de serviços pequenos; agora lhe tocavam tarefas grosseiras e pesadas: limpar estábulos e currais, dar comida às vacas, carregar lenha, varrer os cômodos da casa...
Quando chegava a noite, ele caía prostrado no enxergão.
Além disto, não lhe restava tempo para matar suas curiosidades; e para satisfazer sua gula, então, nem em sonho: se o fizesse, o fazendeiro com uma paulada lhe tiraria a forma humana.
Deste modo ele adquiriu o hábito do trabalho, modificou os seus costumes e se tornou digno de conviver com seus irmãos e irmãs, anjos do Céu.
Ele esperava ansioso a volta da primavera para mover-se e trabalhar, a fim de poder regressar ao Céu. Enquanto isto, naquele país o frio foi aumentando, e o anjo estava apavorado. A água-furtada onde ele passava a noite não tinha aquecimento nenhum, natural nem artificial, e o vento penetrava nele por mil frestas e buracos.
Certa manhã, ao despertar, ele observou que havia uma luz clara e o resplendor de uma coisa branca;

chegou á janela e viu a terra toda vestida de branco; do Céu caíam sem cessar pequenos e leves flocos. Ficou assombrado, estupefacto! Ainda não tinha voltado a si daquele assombro, quando ouviu a rouca voz do fazendeiro:
- Vamos trabalhar, seu malandro! O que estás olhando aí? Pensas por acaso que vou dar-te comida em troca de nada? Vamos retirar a neve e limpar os caminhos, depressa!
O anjo, todo confuso, pegou uma pesada vassoura, e lhe doía a alma por ter de ajudar a acabar com aquela brancura da neve, por ser obrigado a amontoá-la como se fosse lixo imundo.
Mal o fazendeiro voltou as costas, o anjo pegou um punhado de neve e guardou-o na mão. Cendalim tinha voltado a ser um anjo de verdade, com todas as virtudes de um anjo, e capaz, assim, de fazer um milagre, pedindo primeiro permissão ao bom Deus. Então, observando que a neve se derretia em sua mão, sussurrou, como se fosse uma oração: "Oh, bom Deus! Que fria está! Fazei com que ela esquente um pouco!"
Com efeito, a neve esquentou, e o anjo pôde guardá-la bastante tempo na mão. Levou um pouquinho à boca, e achou-a sem gosto, como a água; então deixou cair em cima dela umas lágrimas (lágrimas de anjo), e logo ela se tornou doce e saborosa. Alegre e contente, a levou à fazendeira; esta chamou o marido, e toda a criadagem, e todos a provaram e acharam uma delícia.
- Que tal? - disse então, com ar de triunfo, a fazendeira. - Eu não disse que um moço tão bonito

não podia deixar de nos trazer a prosperidade e a graça de Deus?
Nem é preciso dizer que o fazendeiro deixou de ser carrancudo, e quanto a Cendalim, toda a sua tarefa passou a ser ir buscar neve, secá-la, aquecê-la e umedecê-la com doces lágrimas.
Pouco tempo depois a casa estava cheia de açúcar. Então o anjo pegou as vasilhas onde guardava as tintas do outono, amassou e modelou o açúcar, pintou-o de vermelho, de verde e de amarelo, e dali saíram os primeiros caramelos, as barras de açúcar e outras guloseimas.
A fazendeira aprendeu a fazer com o açúcar tortas e bolos. O fazendeiro, ao comer pela primeira vez estas coisas, saltou de contentamento e cobriu o anjo de beijos. Este, a partir de então, foi muito bem visto por todos, e pôde levar uma vida digna da sua natureza: comportou-se como um verdadeiro anjo.
Depois de tudo isto, ao aparecerem os primeiros açafrões, precursores da primavera, o anjo, agradecido, quis dar aos fazendeiros um presente, como despedida: pegou um punhado de açúcar, misturou-o com terra da horta, amassou-o com suas mãos de anjo e o comprimiu em forma de tábua. Alvoroçados e entusiasmados, todos agradeceram ao amável anjinho Cendalim. Assim tinha aparecido no mundo o açúcar, e os homens todos o saboreavam, principalmente a gente miúda, que daquele tempo até hoje tem especial predileção pelos anjos, por causa do gostoso presente que eles fizeram à humanidade.
Cendalim, por sua vez, tendo aprendido com os

fazendeiros a trabalhar com assiduidade, e havendo-se curado da sua curiosidade, da sua preguiça e da sua mania de andar sempre ocioso, dedicou o resto do ano a terminar sua missão, e vocês deviam ver então como ficaram verdes os prados e os campos; no verão já ninguém se contemplava senão nos regatos, rios e lagos; no outono não havia maçã, pêra nem cacho de uva que não mostrasse as suas cores prodigiosas.

Graças a isto, o anjo foi novamente recebido pelo bom Deus, no Céu, e o arcanjo Miguel, quando o viu totalmente mudado, o felicitou cordialmente.

Os outros anjos, seus camaradas, entoaram em sua homenagem um canto coral, e no ano seguinte foi Cendalim o anjo mais ativo, mais laborioso e mais simpático de todos os que estavam no Céu.

FIM